

Banda nordestina faz
show em Guarapari

Página 2

Crianças cinéfilas são
'ratinhos de vídeo'

Página 6

Vitória 15/09/98
G. de S. P.

Caderno Dois

Coral da Etfes viaja
para Buenos Aires

Página 5

Peça teatral em Venda
Nova do Imigrante

Página 2

A GAZETA – Vitória (ES), sábado, 5 de setembro de 1998

Lembranças de uma Vitória rural

Lendas de fantasmas e de antigos tesouros ajudam a contar o passado de uma fazenda no bairro Inhanguetá, em Vitória

SILVANA HOLZMEISTER

Histórias sobre fantasmas, duendes e tesouros rondam a antiga fazenda do Batalha, em Inhanguetá, um pequeno bairro espremido entre Santo Antônio e São Pedro. Aliás, o próprio nome do lugar teve origem em uma lenda: a da luta entre o bem e o mal durante o período da escravidão. Hoje, restam apenas as ruínas do casarão colonial. O lugar que serviu de palco para o confronto, conhecido como Pedra do Diabo, foi invadido por algumas famílias e parte do local está se transformando em lixão. Para evitar que sejam destruídos os últimos elementos que fazem referência ao passado da comunidade, a população está pleiteando a transformação dos 20 mil metros quadrados de terra em área de lazer.

Flamínio Bernardi, 70 anos, morou no sobrado até a década de 50 e lamenta o descaso dos órgãos públicos e a depredação da casa. "Levaram tudo, as portas, as janelas, o assoalho e o telhado. O resto foi destruído pelo tempo", descreve, saudosista. De acordo com Bernardi, sua família alugou a pequena fazenda quando veio de Anchieta para Vitória nos início dos anos 30. Ele afirma que não sabe precisar a data da construção do sobrado, mas lembra que as paredes principais (com mais de um metro de espessura) eram feitas de pedra e óleo de peixe, enquanto o estuque dava sustentação para as internas que separavam os cômodos. "Tínhamos água encanada que vinha de uma nascente e havia luz elétrica", comenta, acrescentando que ele, o irmão e os pais viviam confortavelmente no imóvel com cinco quartos, sala de estar, copa, sala de jantar, banheiro e cozinha.

Desde o início deste século até hoje, histórias de assombrações rondam a propriedade. Flamínio Bernardi recorda que era levada a sério a luta entre Satanás e Santo Antônio sobre a Pedra do Diabo, que era evitada pelas pessoas. E não foram poucas as vezes que ele e o irmão se refugiaram na cama dos pais com medo do fantasma que habitava o porão. "Achávamos que ele socava café", relata, acrescentando que só perdeu o pavor quando foi para o exército.

O desempregado Marcos Pereira Ribeiro, 21 anos, revela que no ano passado estava com cinco amigos próximos às ruínas quando viu o mato balançando. Em seguida, continua, um dos rapazes ouviu uma voz dizendo que o lugar era protegido e que eles não eram bem-vindos. "Ficamos com medo e saímos correndo", relata. Já o autônomo Paulo Braga, 36 anos, conta que muitos comentam sobre um possível tesouro que teria sido enterrado pelos jesuítas. A falta de informações concretas faz com que muitas pessoas acreditem que o sobrado esteja com mais de 400 anos e tenha sido construído pelos padres portugueses.

Para o historiador Renato Pacheco, as ruínas guardam



Fotos de Sérgio Cardoso

lo Braga, 36 anos, conta que muitos comentam sobre um possível tesouro que teria sido enterrado pelos jesuítas. A falta de informações concretas faz com que muitas pessoas acreditem que o sobrado esteja com mais de 400 anos e tenha sido construído pelos padres portugueses.

Para o historiador Renato Pacheco, as ruínas guardam a memória de uma época em que a ilha era 70% rural e 30% urbana. “Até os anos 40 só tinha perfil de cidade a área entre o Saldanha da Gama e a Santa Casa de Misericórdia”, explica, acrescentando que a residência dos Batalha pode ter sido construída no século passado. Era esta zona de fazendas e pequenos sítios que abasteciam a capital de verduras, legumes, leite e carne. Com a construção da estrada do Contorno – atual Serafim Derenze – na década de 30, começou a surgir um núcleo habitacional às margens da estrada. O estado de destruição em que se encontra o casarão da fazenda Batalha é semelhante ao de outras construções do século XIX (começaram a ser erguidas a partir de 1860 segundo Maria Izabel Perini em **Arquitetura Rural do Século XIX no Espírito Santo**) na Grande Vitória. Geralmente, as propriedades estavam ligadas à produção agrícola ou pecuária e se dividiam em casa-grande, engenho e senzala. Completamente abandonada, as ruínas de Inhanguetá sofrem com o descaso e servem de ambiente para alguns jovens que desejam fumar baseado longe dos olhares curiosos.

O processo para a desapropriação da área de 20 mil metros está em andamento na Prefeitura de Vitória desde 1992 e segundo a chefe do Núcleo de Desapropriação de Áreas de Interesse Público da Prefeitura de Vitória (Semob/NDA), Cleide Maria de Freitas, há a previsão de urbanização, mas não existem detalhes sobre o tipo de obras que serão executadas no trecho pertencente às empresas de transporte Sodan e Viação Nossa Senhora das Graças. “Pedimos ao prefeito Luis Paulo Velloso Lucas a construção do Parque das Mangueiras, além da preservação das ruínas e das árvores”, revela o aposentado Flaminio Bernardi.

O jornal A GAZETA tentou entrar em contato com o prefeito mas não houve um retorno. Falando em nome de Lucas, o administrador Regional da Grande São Pedro, Madson Barbosa, garante que o parque será construído e que as ruínas serão preservadas. As obras, afirma, fazem parte do projeto Parques da Cidade e poderão começar no próximo ano após um debate com a comunidade.



Reprodução/Vitória Física

Segundo historiadores, o sobrado foi construído no século passado. Dizem que um preto velho chamado Ayres Vieira sabia vários “causos” sobre a fazenda, que um dia pertenceu a um avaro senhor de engenho. Um deles era o de uma criança que chorava todas as noites na plantação de bananas. E um outro fala da possível existência de um túnel ligando a casa ao mar e que serviria de passagem para piratas



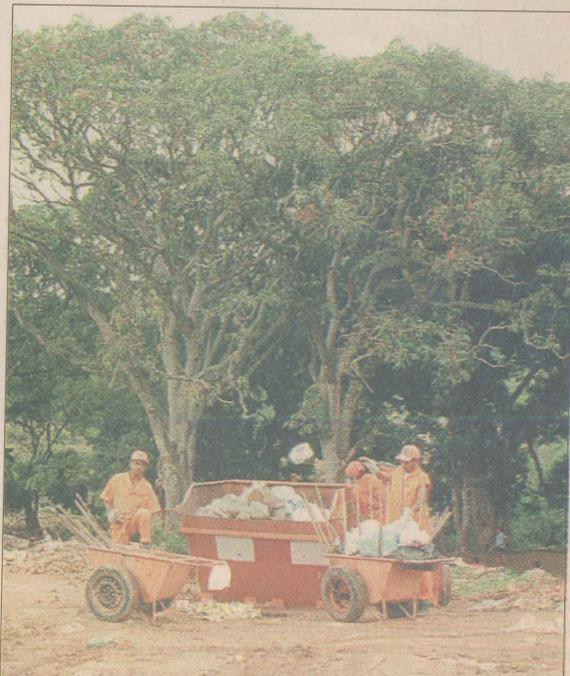
Lixão dá aspecto negativo

Não é só o tempo que age contra as ruínas do casarão da fazenda Batalha. O lixo doméstico e os entulhos jogados pelos moradores poluem a área, contribuindo de maneira negativa para a paisagem. Nem mesmo a caçamba colocada pela Prefeitura de Vitória para reunir o lixo coletado pelos garis impede que os dejetos sejam deixados no chão. De acordo com o aposentado Flaminio Bernardi, isto já virou um hábito entre algumas pessoas da comunidade. “E a prefeitura só recolhe quando a gente reclama”, denuncia.

Segundo o secretário Municipal de Serviços, Ricardo Alves Barroso, a PMV recolhe o lixo diariamente em todo o município, mas reconhece que é difícil controlar a limpeza dos terrenos baldios. “Parte da população a conscientização de manter o bairro limpo”, protesta.

Com relação ao lixão que está se formando debaixo das mangueiras da antiga fazenda, o secretário revela que vai solicitar a limpeza da área. “Se persistir o problema, poderemos colocar fiscais e multar quem estiver jogando o lixo”, promete.

De qualquer forma, as Ruínas de Inhanguetá já despertaram o interesse de estudiosos e aparecem no livro **‘Santo Antônio’**, da coleção Elmo Elton, que será lançado em setembro, com textos de Adriana Bravin e fotos de Sérgio Cardoso.



Sérgio Cardoso

EMPURRA-EMPURRA
Moradores reclamam e Prefeitura Municipal também

A luta entre o bem e o mal

As lendas sempre permanecem vivas na memória do povo e vão sofrendo alterações a medida que são contadas de boca a boca. E daí vão surgindo situações diferentes. No caso da Pedra do Diabo não é diferente. O historiador Guilherme Santos Neves, no livro **Folclore Brasileiro**, sustenta que no período do Brasil Colônia vivia na região de Inhanguetá um fazendeiro avaro que não acreditava em Deus, sustentando que as crendices eram coisa de mulher. Materialista, só se preocupava com suas terras e bens. Para acumular fortuna não pensava duas vezes antes de perseguir os vizinhos, confiscar as terras dos devedores ou exigir um volume maior de trabalho dos escravos e quando suas ordens não eram executadas, lançava mão de torturas.

Certa vez, por castigo dos céus, uma terrível praga assolou a fazenda. Foi quando o diabo lhe apareceu em sonho propondo-lhe trazer a fortuna de volta em troca do seu filho

único. O acordo seria firmado à meia-noite da sexta-feira seguinte, num local próximo à sede da fazenda. Quando acordou, foi direto contar à esposa, que, temerosa, alertou o filho do perigo. Sem se alterar, o rapaz consolou a mãe dizendo que todos deveriam crer na força de Santo Antônio, seu protetor.

Na data marcada, o fazendeiro inventou um pretexto para levar o filho até a pedra indicada. Assim que o gallo cantou anunciando a meia-noite, o homem se afastou deixando o rapaz sozinho, enquanto o Diabo surgia da escuridão. Trêmulo, ele invoca Santo Antônio, que rapidamente aparece riscando uma cruz na pedra, dando início ao exorcismo. O bem vence o mal mas ficaram as marcas da batalha sobre a pedra: os pés grandes do Diabo, os pés pequenos de Santo Antônio e a cruz. Adelpho Monjardim, em **Vitória Física** dá mais detalhes sobre a história, como a idade de 18 anos do jovem. Também destaca a batalha: “Um urro tremendo sacode

as montanhas e a pedra vibra e se incendia sob o açoite da cauda diabólica, enquanto ele, numa nuvem de fumo, desaparece para não mais voltar àquelas paragens”.

Uma segunda versão, contada no livro **Lendas Capixabas**, de Maria Stella de Novaes, revela que devido à mentalidade “pão-duro” do fazendeiro, a população acreditava num pacto com Satanás e que ambos escondiam dinheiro sob uma pedra que só poderia ser removida pelo demônio. Após um período de provação – o homem vagava pelos campos dia e noite –, a fortuna retornaria de entregasse o filho único às trevas. Temerosa, a mãe escondeu uma figura de Santo Antônio no bolso do jovem, que aparece para salvá-lo. A região onde estava localizada a fazenda já se chamava Santo Antônio desde 1535. Após a luta, a localidade ao redor da fazenda ficou conhecido como Inhanguetá, uma variação de Anhanguitá que na linguagem indígena significa diabo, alucinado – Pedra do Diabo.